ANO 8.º — Sexta-feira, 14 de Maio de 1915 — NUMERO 370

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Ontem e hoje

Quando em 1907 João Franco iniciou a nefasta ditadura que terminou em 1 de Fevereiro de 1908 com a tragedia do Terreiro do Paço, todos os partidos da oposição se ergueram num movimento de legitima revolta contra o ditador que ameaçava todas as liberdades individuaes e colectivas.

Não foram os republicanos os que menos aproveitaram a situação nos comicios, nas conferencias e nos jornaes, verberando a audácia do ditador e o procedimento do chefe do Estado que o consentia e lhe dava o apoio que o país lhe negava.

Então, como agora, houve juizes que negaram a legalidade dos decretos ditatoriaes, seguindo a opinião expressa de homens que faziam parte do ministério e que, contra os ditames de consciencia propria, referendaram decretos que não haviam sido autorisados pelo poder legislativo.

Governando com poder absoluto o país, João Franco não dissolveu as câmaras eleitas, que lhe eram hostis. Simulando respeito pelas regalias populares, deixou que elas terminassem o seu mandato e só então as substituiu por comissões administrativas, compostas de individuos afectos ao franquismo, legalisando este acto com o adiamento das eleições que lhe era facultado pela constituição do Estado.

A ditadura atual foi mais longe na sua perseguição aos adversarios politicos. A célebre frase: *Pegar na lei e andar para deante*, proferida talvez num momento de verdadeira fé patriotica, foi logo esquecida.

O encerramento do Congresso, impedindo-se, com a fôrça armada, a reunião dos representantes da Nação, foi o primeiro atropêlo á Lei.

Tomando para pretexto o protésto de algumas câmaras democraticas que não quizéram acatar os decretos ditatoriaes, o ditador, em vez de seguir o caminho que as leis vigentes lhe traçavam, deuse á ingloria taréfa de dissolver as câmaras eleitas, por mais inocente que fosse o protésto por elas formulado.

Mas, se este acto ditatorial foi recebido pelo país com a passividade denunciadora do desalento e da descrença na defêsa das regalias populares, ele demonstra a incoerencia e a traição de republicanos que, desprezando os principios apregoados e defendidos em longos anos de propaganda contra todos os abusos do poder, não hesitaram em cooperar com o govêrno na obra criminosa que vem realisando.

Nas comissões administrativas nomeadas para substituir as câmaras eleitas pelo sufragio popular ao abrigo da Constituição da Republica, encontrâmos republicanos unionistas e evolucionistas de envolta com monarquicos, ou só monarquicos que aproveitam a ocasião propria para cevar ódios represados e se vão organisando para conseguir a almejada restauração que sucessivas intentonas ainda lhes não pudéram dar.

Contra este estado de coisas só o partido democratico lavrou o seu protésto.

Um ou outro grito de alarme levantado por algum dos outros partidos republicanos é motivado mais pela desigualdade de partilha nas autoridades locaes, do que arrancado por um sentimento doloroso pelo futuro da Patria e da Republica.

E' preciso enfraquecer o partido democratico, para que a sua representação no Congresso da Republica fique reduzida ao minimo. E para isso unem-se numa aliança hibrida unionistas, evolucionistas e monarquicos; e para isso dissolvem-se as câmaras municipaes e juntas de paroquia; e para isso perseguem-se republicanos dedicados que cometeram o horrendo crime de ser democratas!

Onde estão os homens que em rasgos de oratoria tribunicia verberaram o procedimento dos ditadores?

Onde estão os defensores das liberdades populares que, nas reuniões publicas acusavam os crimes dos govêrnos da monarquia e denunciavam como traidores á Patria os que os apoiavam?

Como vai longe essa época!

Como a proclamação da Republica intercalou um tão longo lapso de tempo entre duas épocas tão proximas, que fez perder a memoria dos factos e das proprias palavras aos paladinos da propaganda republicana!

Os votos, que com a monarquia foram a causa principal da corrupção do povo português, com a Republica, subserviente perante os caciques monarquicos, são ainda a determinante de uma campanha de ódios, em que é sacrificada a Liberdade e são despresados os principios, outr'ora defendidos com tanto ardôr, e abafados os sentimentos pessoaes e colectivos que enobrecem o caracter do cidadão e fórmam a alma colectiva de um povo.

Os homens, que ontem condenavam os ditadores, servem-se hoje deles para satisfazer as ambições do mando e combater um adversário politico que, numa luta leal, tornaria duvidosa a vitoria.

Triste incoerencia dos homens da politica!

Como tudo isto causa a descrença, o despreso e o nôjo!

C. S.

O CHEFE DOS "PAIVANTES,, EM AVEIRO?

Ha todas as presunções de que assentou arraiaes neste concelho o famigerado conspirador Paiva Couceiro por via de quem se déram acontecimentos tumultuosos em Lisboa durante o tempo que ali permaneceu depois do seu regresso do exilio.

A certêsa não a dâmos. No entretanto é tão sintomatico o que se está passando entre alguns adeptos do antigo regimen, que tudo leva a crêr no boato que se espalhou e corre com toda a insistencia.

Se as autoridades são da côr...

BESTA É ÊLE

Capirote chegou de França, foi ao jardim e como o encontrasse transformado logo classificou, sem rodeios, os autores do *vandalismo*—umas bestas.

Acontéce, porém, que em Aveiro ninguem póde ser besta visto esse e outros epitetos só caberem ao sugeito que faz taes classificações.

Por conseguinte, besta é êle. Besta, besta, mas uma grande besta.

Confirmando

Conde de Agueda e a sua adesão á Republica

Não sería preciso para confundir de vez o titular de Agueda recorrer a outros jornaes para demonstrar que tanto ele, como a familia, como os taes *valorosos e lealissimos companheiros de lutas durante largos anos* ficaram entusiasmadissimos com a proclamação da Republica a ponto de esquecerem o rei, o seu querido D. Manuel, por quem hoje andam a quebrar lanças, fingindo de convictos monarquicos — puros, extremes, imaculados—diziamos nós no numero transato do *Democrata*, ao publicar na integra a noticia extraida dos *Sucêssos* sobre a reunião aqui efectuada para definir a atitude do partido progressista do distrito em face da mudança do regimen. Contudo nunca é de mais o testemunho dos que, com cêrto relevo, aludiram ao caso de que vimos tratando, e é aí a deliberação tomada de transcrever tambem tanto da *Soberania do Povo* como do *Progresso de Aveiro*, dois periodicos de todo o ponto insuspeitos pelas afinidades com o aristocrata de Agueda, o que eles publicaram ácêrca dos seus planos e resoluções, a vêr se condizem ou não com as palavras que os *Sucêssos* já não convém que se tornem conhecidas depois que virou a casaca por nenhum democrata acreditar na sinceridade da sua adesão ás instituições republicanas.

Leia-se, pois, o que em 12 de Outubro de 1910 escrevia a *Soberania do Povo*, ao tempo dirigida por Albano de Melo, pae do figurão que deixou de ser monarquico em 5 de Outubro para se fazer republicano e hoje é outra vez monarquico como póde voltar a ser republicano se as coisas penderem para uma banda que ele lá sabe:

Reunião em Aveiro

«Foi convocada para hoje, ao meio dia, uma reunião em Aveiro, na qual devem ter comparecido os principaes influentes do partido progressista do distrito. Por informações particulares, sabemos que essa reunião deve ser muito concorrida.

A assembleia dispõe-se a deliberar sobre qual deva ser a atitude do partido progressista deste distrito em face da atual situação politica.

* * *

Segundo as ultimas noticias recebidas, sabemos que presidiu á reunião o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida Eça, servindo de secretarios os srs. drs. Mateus Pereira Pinto e Joaquim Soares Pinto. Depois de exposto o fim da reunião, que, como dissémos, era convocada para definir-se a atitude do partido progressista perante a atual situação, o nosso querido amigo sr. Conde de Agueda, tendo préviamente confirmado que consultára os seus amigos, não só os presentes mas muitos dos ausentes por justificado motivo, expoz o seu modo de vêr nos termos seguintes:

Disse que, tendo a monarquia caído pela fórma que é sabido e sido implantada a republica nas condições de todos conhecidas, tambem **o dever de todos os portuguêses era prestar o seu apoio moral e politico ao novo regimen.** José Falcão disséra um dia que *se a monarquia podia salvar o país, que o fizésse.* **Ora a monarquia não o pônde fazer.** Agora, dizia ele, orador, que a republica podia salvar o país, desde que todos os portuguêses ou a sua grande maioria auxiliasse e fortalecessem o novo regimen; que, se este désse em falencia, sería a perda da nossa autonomia.

Se a força, representada por todas as influencias que ali estavam presentes, désse a sua adesão ao novo regimen, ela concorreria para o robustecer e consolidar desde já; e, daí, uma grande nota de prestigio para as novas instituições—facto este que não póde ser indiferente na apreciação do país como o não deve ser na apreciação do estrangeiro.

Acrescentou ainda que nenhum intuito havia de explorar o poder nem de fazer solicitações aos governantes, mas apenas o proposito de remover dificuldades que naturalmente rodeiam neste momento as novas instituições; **que estas podiam contar com o auxilio desinteressado e leal dos nossos amigos já pelo orador consultados**, e que esperava que todos os seus amigos presentes seguissem estas suas indicações. Que nenhum dos presentes, assim o espera, desejava nem queria ocupar o logar que pertence aos vencedores. **Para eles, todo o justo premio do esforço da sua formivel campanha!** Para nós apenas o modesto logar que nos cabe de honrar e secundar essè esforço. **O orador poz ainda em relevo a atitude correcta dos revolucionarios após a vitoria, e, bem assim, a atitude dos republicanos de todo o país, que, no momento supremo da conquista das suas aspirações, tivéram para com os vencidos todas as considerações e deferencias.** A elas devemos corresponder, não lhes embaraçando o caminho, e completando com o modesto auxilio que vamos dar ao novo govêrno a missão de ordem e de paz que o govêrno provisorio se impoz logo que assumiu o poder.

* * *

Este discurso foi coroado com unanimes aplausos de toda a assembleia, que assim evidenciou estar de perfeita harmonia com as considerações expostas pelo sr. Conde de Agueda.

Tendo, anteriormente a este discurso, pedido a palavra alguns oradores, como foram os srs. Paulo Cancela, Amador Valente e Joaquim Peixinho, desistiram dela visto concordarem absolutamente, como o declararam, com o modo de vêr do sr. Conde de Agueda.

Por ultimo foi apresentada pelo sr. Conde de Agueda a moção seguinte, cuja votação se fez por aclamação por proposta do digno presidente:

(Segue a moção que os leitores conhecem)

A' leitura da moção, a assembleia manifestou-se, **saudando a Republica Portuguêsa.**

Por proposta do sr. Conde de Agueda, todos os assistentes, em elevadissimo numero, assinaram a moção, a qual, por proposta do sr. dr. Amador Valente, foi entregue ao Secretario Geral do Govêrno Civil, na ausencia do respectivo magistrado superior do distrito, pelos vogaes da mêsa da assembleia e ainda pelos deputados presentes do circulo ultimamente eleitos, srs. Conde de Agueda, dr. Paulo Cancela, dr. Alexandre de Albuquerque e dr. João de Magalhães. A comissão incumbiu-se, acto seguido, deste encargo, tendo o sr. Secretario Geral telegrafado imediatamente ao sr. Governador Civil, comunicando-lhe este facto.»

E agora esta do *Progresso de Aveiro*, de 13 do mesmo mez e ano:

Os elementos progressistas do distrito de Aveiro resolvem aderir á Republica e pôr-se desinteressada e lealmente ao seu serviço

Por iniciativa do sr. conde de Agueda, têve logar ontem pela 1 hora da tarde, no grande edificio do sr. Pereira Junior, á praça do Peixe, uma reunião dos principaes elementos que no concelho e no distrito de Aveiro faziam parte do partido progressista.

A reunião foi bastante numerosa, achando-se representados todos os concelhos, sem excéção, pelas suas individualidades mais em evidencia.

Presidiu o sr. dr. Alvaro de Moura, secretariado pelos srs. dr. Mateus Pereira Pinto e Soares Pinto, comparecendo tambem os antigos deputados, srs. Paulo Cancéla e Magalhães.

Exposta a atual situação politica, em face dos acontecimentos que déram em terra com o antigo regimen e de que saíu victoriosa a reforma republicana, o sr. conde de Agueda mostrou á assembleia quanto era patriotico e necessario para bem da nação, a adesão dos portuguêses á Republica, devendo facilitar-se quanto possivel a missão dificil que nêste momento compete ao govêrno provisorio.

Sua ex.ª constatou a maneira digna como procederam os revolucionarios, congratulando-se com o procedimento desse punhado de heroes que déram e arriscaram a vida pelo seu ideal e pelas prosperidades da Patria.

Todos os presentes aprovaram as palavras do orador e prometeram pôrse ao serviço da Republica portuguêsa e do país, aprovando por aclamação a moção que segue, e não envolve compromissos partidarios, que seríam prematuros:

Os representantes do historico partido progressista do distrito de Aveiro resolvem prestar a sua leal e desinteressada adesão ás novas instituições republicanas e tornar publica esta resolução.

Aveiro, 12 de Outubro de 1910.

Da deliberação da assembleia e do texto da moção, assinada por todos os presentes, ficou a mêsa encarregada de dar conta ao sr. Albano Coutinho, ilustre chefe do distrito, que não estava ontem na cidade, pelo que a moção foi entregue ao sr. secretário geral.

A reunião terminou com vivas entusiasticos á Patria e á Republica.

Que dizem? Ainda será preciso mais para confundir o pobre diabo caído no ridiculo donde não mais se levantará com as suas *convicções*?

Films . . .

O "Botas,,

Não lhe conheciamos a alcunha, mas desde que os meritos do *esculapio* escolhido para a comissão administrativa da Junta Geral condizem com o todo da sua estrutura, evidente se torna que o *Botas* fique marcado tambem como um dos melhores esteios da ditadura pimentista.

Ainda valeu a pena irem-no buscar tão longe...

Ingenuidade

Um jornal de Lisboa admira-se da pouca actividade dos partidos republicanos na sua propaganda eleitoral e tambem não compreende o alheiamento do govêrno que diz não poder continuar a proceder assim, se não quizér que a demagogia conquiste, de novo, posições.

Chega a ser extravagante tanta ingenuidade. Se outro falasse... Mas o *País*...

Deus os fez...

De *A Liberdade*, folha catolica portuense:

«Acabamos de saber que chegou já á sua querida casa da rua de Arnelas, em Aveiro, o sr. Homem Cristo, cujas altas qualidades de caracter nós tivémos ocasião de conhecer numa camaradagem de alguns mezes no exilio.

Daqui lhe enviâmos, com as nossas bôas vindas, a certêsa da nossa simpatía e alta consideração.»

Ora é assim unidinhos que nós os queremos vêr puxar, muito embora haja quem não dê nada pela força dos da *Liberdade* ao pé do nosso *Capirotē*...

Toque de sinos

Por essas aldeias fóra é agora um tal badalar altas horas da noite. A silencio? A's almas? Seja a que fôr; não inquerimos. Constatâmos apenas como um sintôma a juntar a tantos outros que concorrem para este mal estar da nação e que cértamente só terminará quando em vez do toque dos sinos, que nada significa, outros *musicos* apareçam que toquem a pavana...

"Santa,, Joana

Alguns aveirenses, com o sr. Jaime de Magalhães Lima á frente, levam a efeito depois de ámanhã no antigo mosteiro de Jesus uma festa religiosa á *excelsa filha de D. Afonso V*, como era distinto escreverse nóutros tempos, seguida de procissão e na qual tomará parte o sr. bispo de Angola e Congo a cargo de quem se acha, dizem-nos, o panegirico da *santa*.

Festa essencialmente catolica, mas realisada mais por capricho do que por outra coisa, sería uma falta imperdoavel se a éla nos não associassemos, concorrendo, pelo menos, para o completo conhecimento da biografia da princêsa, que nem todos conhecem, muito embora déla se ocupe a Historia de Portugal.

E', pois, a um dos seus volumes que vâmos arrancar a melhor pagina elucidativa da vida da *santa* desde o seu nascimento, pedindo para éla a atenção dos leitores do *Democrata* que queiram vêr, com imparcialidade, a ignobil exploração que se tem feito em volta dum nome que tudo indicava não dever saír do esquecimento onde tantos jázem com mais direito, talvez, a serem lembrados e até canonisados.

Mas D. Joana era filha de Afonso V e aqui está como se explica que depois de freira viésse a ser *santa*. E foi só por isso, porque de resto não nos parece que merecesse as honras de santa quem désta maneira se acha apontada pela historia:

«A infanta D. Joana nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1452. Ainda no berço foi jurada herdeira da corôa, por não haver então outros sucessores: por isso lhe déram tambem o titulo de *princêsa*.

Foi esta infanta muito dada a devoções e práticas religiosas desde tenra edade, e não quiz casarse, regeitando sucessivamente todas as propostas de casamento que seu pae lhe apresentou.

Pretendeu D. Afonso V casar sua filha D. Joana com o Delfim de França, filho de Luiz XI; depois pretendeu casa-la com Maximiliano, filho do imperador Frederico e da infanta D. Leonor de Portugal; mais tarde quiz dar-lhe por esposo Carlos VIII, rei de França, e, finalmente, Henrique VII, rei de Inglaterra. Contam que, nestes ultimos dois casos, a infanta, como que inspirada, respondera que anuiría ao casamento se os noivos propostos ainda vivos fossem, isto porque sua alma havia advinhado que tinham morrido.

Estes *milagres* foram, porém, mal imaginados, pois que Carlos VIII, de França, morreu sendo casado com Ana da Bretanha e Henrique VII, de Inglaterra, sobreviveu a sua mulher Izabel de York, a qual morreu depois da infanta portuguêsa.

. . . .

Das narrações aduladoras, e por vezes, servis, que alguns dos nossos cronistas fazem das vidas das pessoas reaes, e que por banas se reproduzem quasi que do mesmo modo em muitas biografias,

resulta ser muitas vezes dificil apurar a verdade, quando algum facto, que brilha através dos elogios, os não vem atenuar ou contrariar. A respeito da princêsa D. Joana, filha de Afonso V, não se cançam vários historiadores de louvar sua caridade, e, principalmente, a sua piedade cristã, que a levou a tomar o habito de religiosa e que fez dar-lhe culto na egreja catolica o que o papa Inocencio XII concedeu a pedido de D. Pedro II, beatificando-a por bréve de 4 de abril de 1693.

Por amôr da verdade e da justiça não nos podemos eximir a citar, como actos de pouca abnegação e santidade, os que praticou esta infanta durante a terrivel peste que, no seu tempo, por vezes assolou Portugal.

Quando o terrivel flagelo espalhava o seu mortifero contágio pela povoação aterrada, ceifando a vida de tantos desgraçados, que muitas vezes se viam abandonados pelos parentes ou amigos, os quaes frequentemente no seu pavor egoista só procuravam fugir dos logares empestados, vindo a miséria e a falta absoluta de higiene, que néstas épocas havia, agravar mais os males que afligíam os que tinham sido atacados do temivel flagelo, **ninguem viu a piedosa princêsa D. Joana levar socorros aos necessitados e consolação aos aflitos, nem dar o exemplo de coragem, abnegação e caridade** que fosse capaz de estimular a prática de taes virtudes naquêles que, olvidando os sublimes deveres do sangue e da afeição, só cuidavam de pôr suas egoistas pessoas fóra do alcance da molestia.

A princêsa D. Joana, que, com outras companheiras, se entregava a grandes penitencias, fustigando-se com cilicios e disciplinas até ficar banhada em sangue, precedendo de certo modo os *convulsionários* do seculo XVIII, *mal apontava a mortifera peste logo lhe fugia*, abandonando os miseros atacados da terrivel molestia, junto aos quaes mais caridade sería velar pelo seu tratamento e suavisar a sua triste sorte. E' o que sucedeu em 1479 quando, achando-se em Aveiro, *apenas se declarou a peste logo de ali fugiu*, sendo acompanhada até Aviz pelos bispos de Coimbra e do Porto. Mais tarde, reinando D. João II, sendo a vila de Aveiro outra vez atacada pela molestia, **a infanta fugiu para o Porto.** Depois de extinta a epidemia voltou a princêsa para Aveiro, indo viver no convento de S. Domingos, praticando os deveres da ordem como qualquer religiosa, apezar duma junta de fisicos (medicos) haver, em presença de el-rei, declarado que a vida ascética e de rigorés, a que se dava a infanta, prejudicava gravemente a sua já deteriorada saude.

Conta-se que faleceu a princêsa D. Joana envenenada por uma senhora rica e poderosa de Aveiro, cuja vida dissoluta provocára as admoestações da filha de D. Afonso V, a qual, vendo quão ineficazes eram as suas exortações, obrigou a dita dama a sair da vila, pelo que, passados alguns anos, a expulsa pecadora tomou vingança da princêsa, deitando veneno em um pucaro de agua que lhe era destinado.

O mal atacou fortemente a princêsa que por algum tempo ficou apenas com as mãos e a lingua livres, entregando a alma ao Creador a 12 de Maio de 1490.

Não faltáram a citar milagres por ocasião da sua morte; assim contam que o seu rosto ficou corado e com as belas linhas da mocidade e que quando o seu cadaver passou pelo jardim do convento todas as arvores secaram para sempre. El-rei D. Pedro mandou-lhe fazer um rico mausoleu, fazendo-se a trasladação em 10 de Outubro de 1711, no reinado de D. João V; estava então o seu corpo reduzido a esqueleto do qual se tiraram vários ossos como reliquias.»

Hãode concordar que a Egreja sempre nos impinge cada uma...

Soirée

Para comemorar o 10.º aniversário do *Club dos Galitos* realiza hoje esta patriotica associação local uma brilhante *soirée* nas suas salas, para o que foram feitos inumerosos convites.

Pela nossa parte agradecemos o que nos foi endereçado e felicitâmos a prospera agremiação que tanto honra a cidade de Aveiro.

A politica no distrito de Aveiro

E' preciso que todos os bons republicanos se unam para escorraçar, duma vez para sempre, os adeptos do homem mais nefasto que o país teve nos ultimos anos de monarquia

... Sr. Redactor

Ovar, 7 de Maio de 1915

A politica do distrito de Aveiro foi ultimamente entregue ao conde de Agueda, intimo amigo do ministro da justiça, Guilherme Moreira; e tão intimos são estes dois homens, que o conde tem no seu palacio de Agueda sempre um aposento destinado ao seu amigo.

Sabe V. que o conde de Agueda pertence ao falido partido progressista, o *partido do bloco, o partido do Crédito Predial, o partido de quantas maniversias* se praticaram no extinto regimen, não esquecendo a celeberrima questão dos tabacos. O distrito de Aveiro foi entregue, como um feudo, ao sóba de Agueda, e sería impossivel enumerar, sem esquecer um só detalhe, todas as *gentilêsas* de tal chefe. Mas, deixando isso, vou relatar o que se passou em Ovar, desde 1886, data em que Francisco Matoso, irmão de José Luciano de Castro, tomou posse de Ovar, e rememorarei *com a mais impecavel imparcialidade*, todas as vilanias que aqui se praticaram, com plena aprovação do extinto chefe progressista.

Antes de mais nada preciso garantir a V. que estou pronto a provar tudo quanto escrever, e o que se vae lêr é a verdadeira narração das violencias, agressões e actos selvagens e dignos de verdadeiros bandidos.

Parecendo que não, o partido progressista, mercê da desmedida ambição do seu chefe, foi o partido mais prejudicial á monarquia. Ávido do poder, para servir os seus amigos, quando era oposição, fartava-se de insultar o rei, como é facil verificar pelas diatribes espalhadas nas suas gasêtas. Quem se dér ao trabalho de consultar os jornaes progressistas, desde que José Luciano foi investido na chefia do partido, muito se deliciará com as verrinas espalhadas por essas gasêtas, quando tal partido estava fóra do poder. E' um estendal de pequeninas miserias, um amontoado de verrinas, uma literatura só propria de alcouce e prostibulos.

Até 1886 predominou em Ovar o partido regenerador orientado pelo dr. Manuel Arala, homem de grande prestigio moral e politico, e altamente apreciado pelo ultimo homem do constitucionalismo, Fontes Pereira de Mélo. Os relevantes serviços prestados pelo dr. Manuel Arala haviam-lhe grangeado a estima dos ovarenses, e crearam-lhe uma muito grande e merecida simpatía e popularidade.

Para vence-lo e derruba-lo era preciso recorrer a violencias, e estas foram confiadas a um grupo de sicarios, que a tiro e cacetadas espancaram e afugentaram os eleitores das urnas, desde 1886 até janeiro de 1890. Este bando de sicarios era capitaneado pelos administradores, proprietario e substituto, Corrêa de Mélo e Pereira Coentro, este então simples bacharel e hoje juiz na comarca da Regoa. Em pleno dia, nas praças publicas, agrediam-se os regeneradores, e os sicarios eram protegidos pela tropa para aqui mandada de proposito, não para sustentar a ordem, mas para impedir qualquer desforra.

Era o desembargador Francisco Matoso, irmão de José Luciano, quem aconselhava e mesmo ordenava estas violencias. Estando em Espinho foram procura-lo os seus amigos progressistas, informando-o de que não podiam vencer a eleição, ao que Francisco Matoso respondeu: *pois matem o Arala, se fôr preciso, e aproveitem a ocasião, porque não teem outra.* Foi para realizar isto que o administrador substituto, Pereira Coentro, foi colocar umas bombas de dinamite á porta da casa do dr. Manuel Arala; mas quando estava a chegar o fogo ao rastilho foi mimoseado com uma chumbada numa perna, chumbada que o obrigou a fugir. Neguem, se pódem.

Assenhoreando-se da Câmara Municipal pelas mais inauditas violencias, compraram votos á custa da Mata, logradouro comum, dando e vendendo pinheiros, o que lhes era proíbido, tanto pelo codigo civil, como pelo codigo administrativo, isto além de outros favores que pódem ser dispensados pelas câmaras municipaes.

Nenhuma certidão era possivel obter-se; as sessões camararias eram cercadas de caceteiros armados, que tolhiam a entrada nos Paços do Conselho a todos que não fôssem progressistas. Assim não era possivel recorrer com documentos contra os actos ilegaes referentes a eleições.

Os maiores contribuintes, aos quaes competia a eleição dos presidentes das mêsas eleitoraes, eram esperados pelo bando de caceteirós nas ruas proximo da praça publica e impedidos de irem exercer as suas funções. E, se acaso conseguissem chegar ao largo dos Paços do Conselho, nos parapeitos das janelas viam as bocas das clavinas dos sicarios que então manobravam ás ordens de um tal Luzes, marceneiro, que estava incumbido de ordenar o fogo quando entendesse.

E' preciso dizer-se que os caceteiros fizéram sempre as suas proêsas até á implantação da Republica, e o influente progressista local, Joaquim Soares Pinto, desde 1890 tem sido conivente nas violencias empregadas.

Este bacharel Soares Pinto conseguiu que fôsse nomeado administrador do concelho um seu escrevente, e meteu na câmara como presidente o homem que facultava a sua quinta, nos arrabaldes de Ovar, para lá se exercitarem os conspiradores.

Ovar está de novo nas mãos dos homens que pertenceram ao partido dos arranjos e maniversias, dos homens destituidos de carater.

Isto póde continuar assim?

Quero crêr que o chefe do govêrno tem sido iludido; mas por isso mesmo é preciso que se desmascarem os tartufos que pretendem apoderar-se de novo do poder.

O que aqui fica expendido não é a decima parte do que se passou na época citada, e facil é verificar-se pelos jornaes de então a veracidade do que fica exposto.

E' preciso que todos os bons republicanos se unam para escorraçarem, de uma vez para sempre, do distrito de Aveiro, esses adeptos do homem mais nefasto que o país têve nos ultimos anos da monarquia.

De V. etc.

Constante leitor

* * *

Composta esta carta, chega-nos da mesma localidade a seguinte noticia, datada de 9:

Em face da situação politica creada a este concelho e, de resto, a todo o distrito, pelo governador civil de Aveiro, que entregou a administração e o municipio a confessos monarquicos e até *conspiradores*, nem sequer competentes, reuniram os elementos republicanos de todas as côres para assentarem na maneira de conseguirem libertar-se de tão nefasto e vexatorio estado de coisas, resolvendo-se, por unanimidade, combater por todas as fórmas a tirania monarquista, que pretende esmagar e fazer retrogradar Ovar aos tempos ominosos. Para dirigir os trabalhos nomeou-se uma comissão composta dos cidadãos major José Pires e drs. Alberto Augusto da Silva Tavares e Domingos Lopes Fidalgo, enviando-se desde logo ao sr. presidente do ministério o seguinte telegrama:

«*Sr. presidente do ministério.* — Lisboa. — Convencidos que v. ex.ª teve erradas informações sobre individuos que compõem a comissão administrativa municipal, vimos, representando todos os republicanos de Ovar, sem distinção de partidos, afirmar que presidente, vice-presidente e dois vogais estivéram presos como conspiradores. Administrador do concelho esteve tambem preso como conspirador, sendo-lhe apreendida uma carabina roubada em cavalaria 4. Pedimos substituição por elementos republicanos.—(aa) *Alberto Tavares, Antonio Valente, Lopes Fidalgo, Isaac Silveira, José Pires, Pedro Chaves.*»

ÁS HORAS

Quando no dia 9 se reuniu para celebrar a sua primeira sessão a comissão administrativa da Junta de Paroquia do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, o povo da freguezia de tal sorte se conduziu na defêsa das suas regalias, que não consentiu que os intrusos tomassem deliberações, expulsando-os e impedindo assim que o acto se realisasse por a ele se opôrem as leis do país calcadas pelo atual govêrno.

Ao individuo escolhido para secretario, de nome Constantino Nogueira da Silva, que já esteve preso como suposto conspirador, foi proíbido comparecer na séde da freguezia tendo sido colocadas vigias em todos os caminhos por onde se supunha que passasse, o que não aconteceu.

Andaram ás horas os republicanos do Troviscal. Protestar contra este estado de coisas, contra esta ditadura ignobil, é um dever que todos os republicanos de principios teem a cumprir sejam quaes forem as consequencias que de aí advenham. Porque se não tolera, porque se não admite que por mais tempo se abuse dum povo que possue paginas tão brilhantes na sua historia, desde as lutas liberaes até á quebra dos grilhões que o trouxeram algemado, impedindo-o de realisar as suas progressivas aspirações.

Bravo, bravo, povo do Troviscal!

S. Tomé

Prevenimos os nossos presados assinantes désta cidade africana de que encarregámos o nosso conterraneo e amigo, sr. Ananias de Lemos, de cobrar os recibos que se acham vencidos ou em via de vencimento, pelo que lhes solicitâmos a finêsa de os satisfazerem apenas lhes sejam apresentados.

E desde já agradecemos a todos tão penhorante obsequio, porque nos evitam superfluas despêsas.

Rio de Janeiro

Egual pedido fica feito aos srs. assinantes da capital dos E. U. do Brazil. Aqui foi encarregado da cobrança o cidadão J. Fernandes Tavares, que, obsequiosamente, prestará ao *Democrata* **esse valioso serviço, sendo por isso de toda a conveniencia que os nossos amigos satisfaçam os recibos logo que sejam solicitados para o fazerem.**

A "Soberania,,

—=(•)=—

Tem causado taes engulhos a este pasquim realista de Agueda, orgão dos adeantamentos e da gente que defende, por conveniencia propria, esse nefasto regimen trambolhado em 5 de outubro de 1910, o que o *Democrata* vem publicando sobre as convicções politicas do *aristocrata* que figura como director do papel, que até já o Azevedo recebeu ordem de publicar artigos *brilhantes* como aquele que se encontra no numero de sabado, assinado por *João Firme*, para desvanecer o efeito das nossas transcrições e respectivos comentarios, por que não esperavam nesta ocasião de efervescencia monarquica, em que é preciso alardear serviços á causa, os saltimbancos da *casa do conselheiro*.

Andam, porém, com pouca sorte. Eles e o *João Firme*, que a respeito de firmêsa afina pelo diapazão dos troca-tintas que o assolaram, pois querendo vêr no *Democrata* incoerencias, que não existem, transcreve dele apenas o que lhe convém, *subtraindo* o resto, o melhor, para não fugir á tara que para sempre assinalou uma dinastia, que a historia aponta com as mais baixas classificações.

João Firme podia muito bem estar calado que não perdia nada com isso. Assim comprometeu os patrões e ainda é capaz de arranjar outra carrapata ao pobre do Azevedo, se é que a esta hora já não anda ensarilhado por causa do *brilhante artigo*...

Bons tipos, os monarquicos de Agueda! O Conde, o Azevedo, o *Toi*, a magna caterva da *Soberania do Povo!* Mas a quem julgarão eles que embaçam? A' *Maria Caipira*, talvez. A' *mulher do Aniceto*, póde ser. De resto—ó camaleões!—a vossa reputação politica está tão abalada, que ninguem, medianamente inteligente, acredita já nas *convicções* e na *lealdade* que, com audacia e num derradeiro arranco, vos esforçaes por reconduzir no espirito dos que tivéram a ingenuidade de algum dia vos tomar a sério.

Foi chão que deu uvas... E agora nenhum João, nem que seja *firme*, evita o triste espectaculo em que figuram os *nobres* representantes da *casa do Adro*, para lhes não chamarmos outra coisa que esteja em relação com a falsidade das suas crenças.

Jornaes de "chantage,,

Recomendâmos áqueles que gostam do genero, o *Pulha de Aveiro*, os *Ridiculos*, a *Alvorada* e a *Vanguarda*, que são, incontestavelmente, hoje os que melhor encarnam a depravação moral do jornalismo português.

A fraseologia é da melhor—*bandidos, facinoras, scelerados, malandros, selvagens* e até *cavalos*—isto sem falar no mais que se mistura como indispensavel á liga.

E' que doutra maneira não arranjam vintem, os miseraveis *chanteurs!*

Notas mundanas

Esteve na quarta-feira nésta cidade com sua esposa, o sr. Domingos Casimiro da Silva, que chegou de Manáus e nos deu o prazer da sua visita, que agradecemos.

Retirou no mesmo dia para Famalicão onde conta demorar-se.

= Está justo o casamento do nosso amigo sr. Francisco Encarnação, muito digno empregado do govêrno civil, com uma galante filha do sr. Domingos Cerqueira, inspector escolar deste circulo.

= Vindo de S. Miguel, encontra-se entre nós o sr. Luiz dos Santos Moraes, que ali exerce o cargo de escrivão de direito.

= Faz hoje anos a menina Dolores Mendes Agra, filha do nosso amigo e estimado ilhavense sr. Antonio da Rocha Agra, entendido comandante nautico em Manáus.

Os nossos parabens.

= Retirou no sábado para Leopoldeville, Congo Belga, o nosso conterraneo sr. Belarmino Couceiro, a quem estimâmos que faça bôa viagem.

= Encontra-se na sua casa de Esgueira a passar algum tempo o sr. Joaquim Mateus Farto.

= Veio a Aveiro e têve a amabilidade de nos visitar, o sr. Abel Moreira da Fonseca, muito digno professor em Castélo de Paiva.

Agradecemos-lhe a gentilêsa.

= Matriculou-se no 1.º ano da faculdade de Direito na Universidade de S. Paulo, após o respectivo exame de admissão, o sr. José Carlos Freire, natural do concelho de Estarreja.

= Por ter dado uma quéda da moto que montava esteve alguns dias retido na cama o sr. Antonio Maia, que felizmente vai em via de restabelecimento.

DE VISITA

Esteve cá na segunda-feira, sendo aguardado na estação pelos srs. Jaime Lima, Jaime Silva e padre Fernandes, governador civil substituto, o *conselheiro* José de Azevedo Castelo Branco, que, após o jantar em casa do *Mijarêta*, embarcou no *rapido* da tarde, de novo, para o sul.

Aveiro, como se vê, está sendo visitada por tão altas personalidades que até desconfiâmos que anda moiro na costa...

Verdade seja que as autoridades estão vigilantes...

VERGONHOSO

Ainda não terminou na policia o caso em que se acha envolvido o *Bichêsa* por causa duma maquina de costura posta no *prégo*, parecendo até que dentro em bréve, pelo caminho que as coisas levam, transitará para o tribunal para melhor se tornar conhecido em todas as suas minucias...

O peor é se o *Bichêsa* resolve honrar o compromisso e ordéna—*recolha a casa o objecto para eu ir vê-lo e vê-la*...

Lá ficâmos sem um espectaculo retumbante.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CARTAS

Dentre outro original, ficam por publicar neste numero uma carta do ex-administrador de Castélo de Paiva, sr. Cunha Lobo e outra de Ovar, que a falta de espaço nos inibe de inserir.

Aproveitamos a ocasião para tornar conhecida dos nossos leitores a disposição em que estamos de não aceitar informações anonimas, pois sabemos guardar sigilo de nomes sempre que isso nos seja imposto e consoante as praxes jornalisticas.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Quando se resolverá o govêrno a substituir as autoridades monarquicas do distrito de Aveiro?

Salvo raras excepções, a principiar pelo governador civil, é preciso, urge que se inicie a limpêsa. O que aí está, da escolha do Conde de Agueda, não se toléra, porque é a continuação do passado com todo o seu cortejo funesto de intolerancias, que se não suportam nem se admitem a menos que queiram entregarnos, manietados, aos inimigos das instituições.

Mas isso não sucederá impunemente, afiançâmo-lo, tão confiados estâmos nos sentimentos liberaes do povo português.

Vá, sr. Pimenta de Castro, a limpêsa... Ou rua.

No mar

Um grande crime dos alemães

No dia 6 do corrente foi torpedeado ao largo da barra de Kinsale por um submarino alemão o transatlantico inglês, *Lusitania*, que passava por ser um dos maiores e o mais rapido paquete do mundo.

Este crime de lesa-humanidade consumou-se quando o *Lusitania* vinha da America e estava quasi a chegar ao seu destino com 2:160 pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes.

O *Lusitania* era um belo vapor de carreira, luxuosissimo e confortavel não havendo ainda outro que o egualasse em velocidade. Basta dizer-se que ia de Liverpool a Nova-York, que é aproximadamente a mesma distancia que separa o Porto do Rio de Janeiro, em 5 dias!

Tinha em média maior velocidade que os comboios rapidos de Lisboa ao Porto e era considerado um verdadeiro monstro flutuante.

Deslocava 33:000 toneladas e tinha maquinas da força de 70:000 cavalos. Para alimentar estas maquinas, só para uma viagem de 5 dias, eram precisos 22 comboios de 30 vagões de 10 toneladas de carvão por vagon.

A lotação do *Lusitania* era de 500 passageiros de 1.ª classe, 500 de 2.ª, 1:300 de 3.ª. Além destes transportava 892 pessoas de tripulação e empregados de bordo, assim distribuidos: 70 marinheiros, 390 maquinistas, 362 creados e creadas, 50 cosinheiros, 6 musicos e 14 diversos, taes como telegrafistas, tipografos, etc.

A bordo, durante a viagem, publicava-se um diario, com as ultimas noticias de todo o mundo colhidas pela telegrafia sem fios.

Era um dos mais modernos transatlanticos, verdadeira maravilha da ingenharia naval.

Depois de ter sido atingido pelos torpedos apenas se conservou uns vinte minutos ao de cima de agua, submergindo-se em seguida. Calcule-se o panico que não iria a bordo! As aflições, o desespero em face de tamanha catastrofe, de que apenas conseguiram salvar-se não chega a 700 viajantes!

Um horror!

E faz gala a Alemanha na sua *kultura*, que só sabe atacar á traição indefesos navios mercantes e pratíca crimes como o de Louvain, de Reims e outros para assinalarse pela barbaridade.

Arrazada sejas para sempre!

Centro monarquico

Chega-nos a noticia de que se teem feito algumas *démarches* para a organisação dum centro monarquico na vila de Oliveira de Azemeis com elementos daquele concelho. Um dos fundadores é o representante politico do sr. Barbosa de Magalhães, dizem, tendo nós já recebido um artigo que, firmado pelo medico Lopes de Oliveira, no proximo numero publicaremos.

Eh, real!...

Cá está ele!
Olha o *Pulha de Aveiro!*
Quem quer o *Pulha de Aveiro?!*
Cá está o *Pulha de Aveiro!*

E assim por éssas ruas fóra, por esses becos, por éssas praças o *Pulha* segue, arremete, investe contra tudo e contra todos, mas não faz mal a ninguem.

Malandros! — quem o será mais?

Desvergonhados! — onde os ha que se lhe possam egualar, a não ser na Vera-Cruz?

Biltres, facinoras, bandidos, scelerados — quem tem mais direito a esses epitetos do que o trastalhão que os aplica, mordido pelo despreso que lhe votam, enraivecido pela nenhuma importancia que lhe ligam?

Cá está êle!
Olha o *Pulha de Aveiro!*
Quem quer o *Pulha de Aveiro!*
Cá está o *Pulha de Aveiro!*
Eh! real!... Eh, boi caraça!...

CARTA DE ANADIA

Uma freguezia que castiga as monarquices dos emulos do ex-conde de Agueda

Em 11

Vou hoje dar noticia fresca aos leitores deste jornal, dum caso acontecido na republicana freguezia do Troviscal, do visinho concelho de Oliveira do Bairro. O Troviscal, que é uma freguezia importante, é tambem das mais cultas, progressivas e liberaes deste distrito. Já nos ultimos anos da monarquia havia no Troviscal um bom nucleo de dedicados republicanos e estâmos cértos de que se se não tivésse proclamado a Republica em 5 de Outubro de 1910, o povo do Troviscal estaría tão republicanisado como o está hoje. Os dirigentes do povo do Troviscal, presenciando a pouca vergonha praticada pelos monarquicos de Aveiro, Agueda, Anadia e Oliveira do Bairro, no, para sempre, celebre comicio da Fogueira, passaram abertamente para o campo republicano. Desde então, a reacção monarquico-clerical, póde dizer-se que perdeu tudo, que morreu para o povo do Troviscal.

A Junta do Troviscal, que é democratica e que foi eleita quasi por unanimidade de votos, foi das que protestou tambem contra a ditadura. Logo os monarquicos, mascarados de evolucionistas, começaram a estudar como haviam de resolver o dificil problema de conseguir uma comissão que substituisse a junta eleita. Como em toda a parte ha um bocado de mau caminho, assim no Troviscal apareceram, não dez, mas cinco *Matias*, que se prestaram ao nojento papel de usurpadores das regalias populares. Os cinco *Matias-Bolêto*, desconfiando e temendo alguma montaria em osso, disséram aos seus engajadores que o povo do Troviscal os não toleraria e que a junta eleita lhe não daría posse ás bôas e logo os amigos incondicionaes do famoso ex-conde de Agueda, pozéram em prática o provocador expediente de adornar o assalto á junta de paroquia do Troviscal, com uma força de infanteria. A suposta autoridade da Republica, com as costas quentes, só deu conhecimento ao presidente da junta eleita, do assalto, depois que o cortejo de militares e alguns traidores civis tinham passado a caminho da igreja, onde è a casa destinada ás sessões, isto tudo por bôa medida de precaução para que o povo não fosse convidado a honrar o dedicado e legal acto com a sua presença, seguindo prudentemente o aforismo que diz que o *seguro morreu de velho.*

Uma vez chegados, logo o suposto administrador da Republica, mas fiel cumpridor da vontade do monarquico ex-conde de Agueda, coádo através do chefe monarquico do republicano distrito de Aveiro, se dirigiu ao detentor da chave da casa das sessões, que foi invadida. Parece que quando chegaram alguns vogaes e o secretario da junta eleita, de nada podéram dar posse, pois que o arquivo havia desaparecido!

No passado domingo, 9, era o dia designado pela comissão dos *Matias* para a sua primeira sessão. O secretario da junta, que é um professor monarquico, como o patrão, ex-visconde de Bustos, demonstrando que tem muito amor ao pêlo, não apareceu, mas os homensinhos, que são manhosos como ratos sábios, fizéram vir ao engano o chefe de secretaria da câmara de Oliveira do Bairro, que é um bom homem e que tem estomago para agradar aos monarquicos que representam de republicanos, para que fizésse de secretario, o que ele—coitado— fez na melhor das intenções, diz.

A' hora de abrir a sessão o povo, que está disposto a não consentir ultrajes á lei e ás suas regalias, rompeu em vivas á Republica e á junta eleita não deixando reunir os pobres *Matias* que uma vez na sua vida queriam parecer gente. Os pobres *Matias*, vendo que estavam sendo o alvo de todo o povo da sua freguezia clamaram mil maldições aos que os haviam metido em tal dança e quasi chorando, uns, e proferindo alguns raios os partam (aos seus sedutores, já se deixa vêr) pediam comiseração e entregaram a chave, no firme proposito de não se meterem noutra.

Eis no que está dando a falta de seriedade politica e o desamor á Republica da parte de alguns republicanos que se obstinam em não vêr que estão sendo empalmados pelos monarquicos ás ordens do monarquico ex-conde de Agueda.

Gomes Junior

Efeitos da ditadura

NO PAÍS PRODUZEM-SE VÁRIAS MANIFESTAÇÕES E TUMULTOS

A' sombra do pacto traidor ha muito feito entre os homens do govêrno e a reacção monarquica, dia a dia estreitado com toda a sorte de escandalosa proteção e criminosos estimulos, os apaniguados dos adeantamentos, éssa cafila desenfreada de pandorgas que se encheu á custa das ladroeiras reaes, que éla consentia e encobria, deu largas ás suas ambições e eil-a por esse país fóra, com os *adeantadores* móres á frente, julgando-se já em país conquistado, fundando centros e prégando a desordem!

Bem contou éla com a proteção da ditadura e dos que mercadejam no ministério do interior, a troco da sua dignidade politica e de principios, os logares contados para a representação dos seus... candidatos.

Esqueceu-lhe, porém, o factor, que se não vende, que não mercadeja a sua honra nem as suas convicções; que em todos os tempos ofereceu, sem vacilar, a propria vida, batendo-se, desarmado até, contra a furia dos tiranos, contra o cinismo de quantos os servem, ou sejam reis ou presidentes.

Esqueceu-lhe o Povo—grande e unico, agitado pelas suas coleras sagradas e omnipotentes, varrendo, armado com a grandeza da sua justiça, toda éssa sucia de pandilhas desvergonhada e cinica que pretende arvorar-se—êles—os ladrões, os assassinos, os imoraes—em salvadores da Patria!

Assim, por toda a parte onde surja um intrujão, dentista de feira dos arraiaes monaquicos, é corrido sem preambulos á pedra, a tiro, a páu, a assobio—cafila daninha que o país repele.

Em Coimbra, onde afamados adeptos da monarquia pensaram reunir-se logo o povo se ergueu, implacavel e justiceiro, promovendo manifestações formidaveis, para conter as quaes foi preciso intervir toda a força armada, que protegeu os comediantes, que não ganharam para o susto.

Apezar das baionetas, dos terçados, dos cavalos e das espingardas com que o govêrno mandou cobrir os inimigos da Republica, o Povo, o nobre Povo conimbricense, apezar de tudo, não deixou que o beato conde de Bertiandos se retirasse sem concertar a cabeça e que os companheiros, José de Azevedo Castélo Branco, Mario Aguiar, dr. Antonio Sardinha e outros da grei, não fossem embora sem levar que contar aos amigos...

Em Lisboa, outra grandiosa manifestação neste sentido foi levada a efeito; em Santarem, em Loures, em Evora, e em tantos outros pontos, vae fazendo o Povo sentir a necessidade de enxutar para longe a cafila que principia de reunir-se, como quadrilha, a planear novos assaltos.

Cabe ao Povo, pois, já agora, a missão patriotica de afugentar a malta incorregivel dos que, por *snobismo*, querem á força ser monarquistas, e com éla os protetores natos que traiçoeira e indignamente afrontam a Nação.

Fóra, fóra com todos eles!

O cumulo

Os jornaes realista da noite de terça-feira e os da manhã de quarta publicaram o seguinte telegrama que lhes foi enviado pelo sr. Conde de Agueda:

AGUEDA, 11, á 1 e 4 m. t. —Não é exacto o relato feito pelo jornal *Os Sucéssos*, das palavras que proferi em Aveiro na reunião de 12 de outubro de 1910. Só agora tenho conhecimento da fantasiosa descrição. Se eu estivésse pintado de republicano, então teria aderido individualmente á republica, o que me recusei a fazer não obstante convite do directorio. O fim da reunião, foi, como já disse, obstar á debandada geral após a dissolução permatura dos partidos monarquicos, e a prova de que acertei no alvo foi a nota oficiosa do directorio combatendo as adesões colectivas e é possivel que esse acto fosse de momento mal apreciado por monarquicos, mas a verdade é que foi atingido o fim desejado, sendo exiguas as adesões individuaes.

(a) *Conde de Agueda*

E' o cumulo de descaro. Negar o que se acha mais que confirmado, hão-de convir que nem é nobre, nem é digno, nem é honrado. Basta só a moção que Conde de Agueda apresentou, para o definir como politico *de convicções.*

Mas vamos, que viéram a tempo os seus protéstos. Pelo menos fica-se sabendo o que significa *lealdade* e *desinteresse* na boca do ultimo dos degenerados, politicamente falando.

A quanto obriga a vaidade!

Necrología

No domingo e após doloroso sofrimento sucumbiu nésta cidade o sr. João Pereira Pinheiro, antigo empregado na Agencia do Banco de Portugal. Mais conhecido por *João da Serrana*, ele havia conquistado uma roda de amigos apreciadores das suas qualidades de caracter e que o acompanharam á ultima morada como preito de homenagem á sua memoria.

Descance em paz.

=Egualmente faleceu na terça-feira á noite o sr. Eduardo Augusto Vieira ou *Eduardo Rainha*, como era vulgarmente conhecido.

Figura de destaque no nosso meio pelas suas excentricidades provenientes da fortuna que possuia, póde-se dizer que com ele desaparece um dos raros tipos de Aveiro de mais nomeada entre os que se dão ao disfruto. No entanto passava por bom cidadão, honesto e inofensivo.

Deixa vários legados, sendo um de 1:500 escudos á Misericordia, e ao seu funeral assistiu o reduzido numero de pessoas das suas relações.

DR. AFONSO COSTA

Por telegrama endereçado ao nosso amigo e deputado dr. Marques da Costa, é este prevenido que deve vir a Aveiro realizar uma conferencia politica na proxima quinta-feira, o eminente estadista sr. dr. Afonso Costa.

CORRESPONDENCIAS

Castélo de Paiva, 28 de Abril

(Especial)

Lêmos, espantados, a mirabolante carta do defunto administrador de Paiva, Cunha Lôbo, em resposta á correspondencia aqui publicada referente á atitude politica daquele sugeito durante o longo periodo revolucionario em que, por vergonha de todos, monarquicos e republicanos de Paiva, tivémos a cobardia de o aturar com a resignação de... martires ou poltrões. Nunca julgamos que éssa miseria que para aí se estatéla numa submissão degradante, por indigna e abjecta, teria a ousadia impertinente e afrontosa de vir á imprensa tentar justificar-se da traição infame, não já feita ao partido democratico, que afinal hade ter nésta hora de luta soberbos exemplares semelhantes, mas á Republica que confiou nêle os seus destinos neste belo concelho de Paiva. Mas vê-se que este figurão, em materia de pouca vergonha, excede as previsões dos mais habeis calculistas.

Nós ao traçar as linhas da nossa correspondencia tinhamos a pretensão de desiludir, desmascarando-o, o sugeito administrador, que foi, usando das alcavalas mais revoltantes, um traficante eleitoral, um bandalho politico, abraçando hoje uns ámanhã outros, perseguindo monarquicos agora, logo os proprios republicanos, desfazendo-se em blandicias hipocritas e manhosas ante os que ha pouco havia ultrajado, resultando deste proceder baixo e reles um desamor, uma desafeição do povo pela Republica que a avaliava pela força moral do troca tintas que lhe davam ou impunham como administrador.

Mas afinal oom a sua carta recheada de sandices eu bem percebo o que quer o desgraçado Cunha Lôbo, eu bem alcanço o jôgo do infeliz tratante na hora bicuda que a sua vida de traidor atravessa; eu bem presinto o que vai néssa alma hedionda de comedor sem honra; eu bem ausculto as palpitações hienaes desse coração negro de despota pataqueiro! Eu e todos os republicanos de Paiva, aqueles todos que, nas eleições municipaes, ainda levaram á urna 170 votos num total de quatro centos e tantos, bem comprendemos as aspirações do mariolão politico. O que se advinha nos calculos de balcão desse mercieiro falsificador é a ancia de ficar categorisado e ainda com fóros de perseguido, para o efeito de novo encarte a quando do adveuto de uma situação democratica.

E' o que se depreende dos gestos espalhafatosos, dos rompantes asneirentos com que se apresenta na imprensa, gritando que a preseguição o vai deixar sem pão.

Quem quer pão vai pedir, meu alentado maroto. O pão ganha-se mas é honradamente, lisamente, sem assaltos nas encrusilhadas, como fez quem, acamaradado com um reles *ápache*, não recuou em exigir um processo disciplinar ao professor da séde do concelho de Castélo de Paiva, pelos proprios colégas considerado o mais distinto dentre eles, simplesmente para arredar esse professor da presidencia da mêsa eleitoral onde o sugeito tentava outorgar poderes para toda a casta de falcatruas eleitoraes. Mas a historia politica deste caracter dubio requer larguesa de comentarios; para o exautorarmos completamente carecemos de espaço, pois as pustulas deste infeliz exigem abundancia de antisepticos, a exposição ao sol purificador por largo tempo.

Falaremos, pois, de espaço, e vêr-se-ha onde páram os traidores: se no logar de confiança onde a Republica colocou tal sugeito, se naqueles que, fieis aos seus principios nunca repudiados, enfileiraram no lado das instituições republicanas como era do seu dever de democratas convictos. Relataremos os esforços supremos realisados pelo figurão no solar da Bôa-Vista para obter a sua permanencia no Registo Civil, as caminhadas continuas para aquéla casa a pedir mizericordia, comiseração, dó, por ele, que é doente, que tem filhos, que deve, e que faz tudo, que está ás ordens, que não é politico, que precisa de pão, que o aproveitem, que incondicionalmente está para tudo e por tudo! Isto em oposição ás suas bravatas, contraste singular ao que afirma quando diz que *ficaria perante a lei como oficial interino do Registo Civil, logar que vai perder porque não curva o dorso da sua intransigencia. E fica sem pão e imaculado, porque se não vende.* Esta só pedia arrôcho como resposta!

Pensa talvez, o embusteiro, que se lhe deixa assim, a seu bel prazer, fazer a historia das suas trapalhices. Ele que se deixaria fustigar até como rafeiro para o conservarem no pão do Registo, ele que tem feito os mais nogentos papeis para alcançar o maximo de permanencia naquele logar, que ilegalmente ocupava, pensa certamente que se ignoram todas as *étapes* percorridas pelo traidor para o fim a que se propõe ainda a troco das maiores baixesas.

Argumenta ainda que em a nossa correspondencia aplaudimos o atual administrador—conspirador confesso. Ora o tratante bem leu que nós dissémos que o homem nos pareceu correcto e insinuante, etc.

Que nos pareceu; e ao mesmo tempo escreviamos que folgariamos em ter que louvar o seu proceder revelado em actos da mais correcta imparcialidade. Infelizmente, começou éssa autoridade por suspender o secretário, sem ao menos esperar o tempo preciso para justificar a violencia, o que não podemos louvar nem louvamos. Mas o que podemos afiançar é que ele não atraiçoará o programa que certamente se traçou ao partir para este concelho. Servirá melhor e sem a trair a causa que defende que serviu a Republica o seu antecessor Cu-

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

nha Lôbo que se transformou em lacaio de monarquicos e perseguidor de republicanos. Ao menos este será fiel ás suas convicções.

Limpe-se Cunha Lôbo, a este guardanapo!...

C.

Pinhão, O. de Azemeis, 8

Este saluberrimo logar, cercado mais ou menos por colinas, separado de Pindelo, séde da freguezia, pelo rio ou ribeira Antuã, recondito e circundado de pinheiraes, embelezado com as suas relvas verdegentes, é um perfeito Eden.

O que lhe vai dando vida é a industria de laticinios. Ha duas fabricas neste genero, sendo uma pertencente ao sr. Tavares Dias, professor da escola oficial, a que mais abaixo farei os devidos considerandos e outra do benquisto capitalista, sr. José M. de Pinho Rocha, onde se fabrica com todo o aceio e limpêsa a mais pura e fina manteiga. Quem se dér á curiosidade e se levantar de manhã cêdo, observa a romagem de lindas camponezas alegres e joviaes, de saia arregaçada, com os seus canudos luzidios, todas vaidosas da sua encadernação, recebendo e conduzindo o espumoso leite de vacas essencialmente holandezas.

Sem enaltecer, é um povo pacato, na sua purêsa todo cheio de caridade, tendo como religião o trabalho honésto. Muito esmoler, tem um lar para cada alma, um pão para cada faminto, um sorriso para cada infeliz, um conforto para cada afito, um amplexo para cada saudade, uma manta para cada desgraçado e uma prece para cada infortunio. A sua hospitalidade, plena de meiguice e ternura, parece vinda do céu, trazida por anjos sorridentes, envoltos em mantos de ouro, entoando hinos de liberdade e patriotismo, que alegram e suavisam os corações mais torturados e os espiritos mais confundidos, que acordam a alma nacional para salvar a Patria e a Republica do despinhadeiro. Quem aqui viér no verão, e antegosar este abençoado solo, balsanisado pelo sol diamantino que se filtra ao romper da aurora pelas ramagens dos pinheiraes, perfumado pelo odor das flores, e encantado pelo trinar das avesinhas, concertêsa leva imensas saudades na sua retirada! No centro do logar existe uma capéla que data mais de um seculo. O seu adro, desde tempos remotos, tem servido nos domingos e dias santificados, de centro de cavaco. Tambem existe uma escola oficial cujo edificio é de primeira ordem, ostentando no salão os retratos de dois benemeritos, um deles o nosso conterraneo, sr. José de Oliveira Ferreira, residente em Uberaba, Brazil, a quem dedico estas linhas como prova de estima e consideração para lhe avivar ainda mais as saudades desta sua terra natal.

A instrucção está afundada num completo atoleiro servindo de capa de negocios e outras alcavalas mais. Quando a justiça hoje presa e algemada aos élos da protecção, triunfar, ela será purificada e a luz raiará espancando o cancro do analfabetismo.

O. F.

Agradecimento

José Pereira Ruivo, esposa e filhos, veem por este meio patentear o seu maior reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pela saude do seu querido filho e irmão, Placido Pereira, e bem assim os seus profundos agradecimentos a todos que o acompanharam na sua grande dôr depois da morte assim como a quantos o acompanharam á ultima morada.

Aveiro, 11 de Maio de 1915.

Despedida

Belarmino Couceiro, ao retirar-se precipitadamente para Leopoldeville, Congo Belga, serve-se deste meio para se despedir dos seus amigos e a todos oferece ali o seu limitado prestimo.

Aveiro, 8 de Maio de 1915.

Ultima hora

—(*)—

A REVOLUÇÃO NA RUA?

—=(*)=—

Em Lisboa e no Porto produzem-se gravissimos acontecimentos contra o govêrno por virtude do ultimo decreto ditatorial

Era de prever.

Depois de tantas afrontas como aquélas que teem sido lançadas pelo governo ditatorial do general Pimenta de Castro sobre o país, a ultima das quaes foi o decreto ordenando a prisão dos membros das juntas de paroquia,dissolvidas violentamente, no caso de não quererem entregar os arquivos, estava naturalmente indicada uma revolução purificadora, reinvindicadora, que restabelecesse a lei e désse á Republica o que tão abruptamente lhe foi arrancado por esse governo despotico,em tão curtos méses de poder, ou sejam os direitos e regalias que a Constituição garante e o país exige.

Não temos pormenores ácêrca do que a esta hora se está passando de grave, especialmente em Lisboa e Porto. No entretanto sobre o que ocorreu ontem á noite na capital do norte, e a que os jornaes já se referem, embora resumidamente, devemos acentuar que não nos surpreendeu a atitude do povo que veio para a rua aclamar a Liberdade e que por isso foi vitima das selvagerias dos agentes da ordem, que mais uma vez se conduziram por fórma a não merecerem a confiança das instituições.

Na cidade déram-se conflitos sangrentos que se podiam ter evitado se o govêrno os não provocasse. Houve fuzilaria, rebentaram bombas, ha mortes, ha feridos tudo em holocausto á democracia, que hade triunfar, temos êssa fé, muito embora os despotas teimem em esmaga-la, comprometendo a nação, o prestigio e a dignidade do regimen.

De Lisboa nada diremos senão o que se sabe de vago: **foram ouvidos depois das 3 horas alguns tiros de peça disparados pelos navios de guerra surtos no Tejo. A seguir os marinheiros da armada saíram para a rua onde o elemento civil se lhes juntou, ignorando até onde tenha ido a acção combinada dos defensores da Republica, que a esta hora atravessa um dos periodos mais agitados da sua existencia.**

Para bem dela, para bem da Patria é que nós queremos solidarisar-nos com quantos se estão sacrificando neste doloroso momento, repetindo com eles:

Viva a Constituição!
Abaixo o govêrno!

* * *

De Aveiro marchou esta madrugada para o Porto um destacamento de cavalaria, mantendo-se de prevenção as restantes forças do exercito.

Está guardada a casa do *Pulha de Aveiro* e as autoridades conservam-se em conluio com os monarquistas da terra á espera do que tem de vir...

Anuncios

ÉDITOS DE 40 DIAS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Por este Juizo e cartario do 4.º oficio—Flamengo—e por apenso á acção de divorcio intentada pelo exequente contra a executada, se processam e correm seus termos uns autos de execução por custas em que é exequente João Ferreira Sôlha, trabalhador, das Ribas, désta comarca e executada sua mulher Custodia de Jesus Godinha, ausente em parte incerta do Brazil. E em virtude do despacho proferido nos autos correm éditos de 40 dias a contar da segunda e ultima publicação deste no *Diario do Govêrno*, chamando e citando a referida executada para no prazo de dez dias posterior ao dos éditos pagar ao exequente a quantia de 97$15 de custas que éla lhe deve e em que foi condenada na aludida acção de divorcio, ou dentro do mesmo prazo nomear á penhora bens suficientes para esse pagamento e das custas e sêlos acrescidos, sob pena de se devolver ao exequente o direito de nomeação e a execução proseguir nos seus regulares termos até final, para os quais fica tambem citada.

Aveiro, 24 de Abril de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito
Regalão

O escrivão do 4.º oficio,
João Luis Flamengo.

SUPLEMENTO AO N.º 370

O DEMOCRATA

Semanário Republicano Radical de Aveiro

Director e editor
ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa
do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita.
Impresso na tipografia Silva,
Praça Luiz de Camões

Jornada redemptora

O Povo, o Exercito e a Marinha batendo-se pela Liberdade contra a tirania

A caminho

Desde ontem aos primeiros alvores da manhã que ininterruptamente, nas duas capitaes do país, está travada luta contra a ditadura que o govêrno despotico do general Castro tinha estabelecido em Portugal, havendo combates sangrentos e batendo-se o Povo, o nobre e glorioso Povo lusitano, por um ideal de justiça que respeitosamente abraça, venera e acalenta dando-lhe o sacrificio da propria vida.

Em Lisboa, posto estarem interrompidas as comunicações, sabe-se, todavia, que tem havido lances valorosos e que o exercito de terra e mar, na sua quasi totalidade, faz causa comum com o Povo, vencendo já as maiores dificuldades que conduzem á vitoria, pois conseguiram os valorosos defensores da Republica e da Constituição rechaçar o inimigo inflingindo-lhe extraordinarias perdas.

No que diz respeito ao Porto póde-se, com absoluta verdade e certêsa, narrar o que ali se tem passado e que ressalta das noticias que lá fomos colher *de visu* esta madrugada, onde chegámos depois das 4 horas.

A viagem num "auto,, atravez vilas e aldeias

Meia hora para a uma.

Do Côjo sái um magnifico *Vitoria* guiado pelo *Casaca*, que, veloz, percorre a estrada em direcção á invicta cidade.

A noite está escura e humida. A cacimba começa de envolver o carro pelas alturas da Angeja e é assim que fazemos todo o percurso envolto num sobretudo além das mantas de agazalho de que os quatro restantes companheiros se muniram cautelosamente.

A' uma hora certa passavamos a Albergaria-a-Velha. Toda a gente dormia, o mesmo acontecendo nas outras povoações, onde nem viv'alma apareceu.

Em S. João de Vêr, concelho da Feira, tivémos uma pequena demora, que foi aproveitada para arranjar os faróes do *auto* a que faltavam carbonêto. Nada de anormal se passou até que chegámos a Vila Nova, perto do taboleiro superior da ponte de D. Luiz. Uma patrulha de cavalaria faz deter o carro para efectuar o reconhecimento, acompanhando-nos depois até á entrada da ponte. Aí deliberámos ir a pé para o Porto, pois nenhum sinal indicativo havia de estar alterada a ordem. Quando, porém, subiamos uma das ruas que conduzem á Praça da Batalha, uma voz perturba o silencio da noite, fazendo-se ecoar secamente, num tom expressivo e vibrante:

— Quem vem lá?

— Gente de paz, respondemos.

— Não passa ninguem.

Retrocedemos então, tomámos á rua do Loureiro e em poucos minutos chegavamos em frente da estação central do caminho de ferro onde horas antes tinha sido assaltado um estabelecimento de certo reaccionario, vendedor de santos e simbolos monarquicos, a quem uma onda enorme de manifestantes tudo partiu e deteriorou. A vitrine estava escavacada, a porta arrombada e o predio era guardado por dois civicos que não deixavam aproximar ninguem nem davam explicações do acontecido. Atravessámos a seguir várias ruas, a cujas esquinas havia grupos conversando animadamente e dirigimo-nos onde nos pudéssem informar das ocorrencias que sabiamos terem-se dado na vespera e das quaes as mais gràves tivéram logar na rua de Santa Catarina e imediações onde foram construidas barricadas para abrigo dos populares que de ali sustentaram nutrido fogo contra a guarda republicana e a policia. Além deste muitos outros recontros se déram soltando os manifestantes a cada momento entusiasticos vivas á Republica e á Constituição, sendo inumeros os feridos, que logo a Cruz Vermelha recolheu, conduzindo-os ao hospital. Ha duas mortes a lamentar, apenas, mas é muito possivel que não fique só por aí atenta a gravidade que inspiram os ferimentos de alguns que foram levantados do solo quasi exanimes.

O Centro Monarquico e a Associação Catolica foram as casas que mais duros ataques sofreram, conduzindo-se o Povo com toda a valentia deante dos que defendiam esses antros da reacção.

Não é verdade que a canhoneira *Limpopo* e o *aviso 5 de Outubro* tenham aderido ao movimento, dando-se a circunstancia especial de se acharem no mar alto á hora de partirmos para Aveiro.

A cidade foi entregue pelo governador civil ao comandante da divisão, achando-se todas as forças do exercito concentradas na Praça da Batalha, onde tambem está situado o Quartel General.

O esquadrão de cavalaria 8, que daqui marchou sob o comando do capitão Barão de Cadoro (Carlos) tem sido alvo de calorosas manifestações de simpatia pela fórma como se comportou na manutenção da ordem e outros serviços de que superiormente o encarregaram logo após a sua chegada.

As prisões efectuadas não são em grande numero, mas a vigilancia sobre vários elementos revolucionarios é rigorosissima. Os populares empregam como armas de combate revolveres, pistolas e bombas de dinamite, tendo estas rebentado em muitos pontos da cidade e causado bastantes danos.

Artilharia 6 encontra-se na Serra do Pilar pronta a deslocar-se á primeira voz. Ao contrario do que se tem dito, ainda não interveio nos acontecimentos, seguindo atitude identica á dos seus camaradas que compõem as restantes unidades.

Não foi recebido radiograma nenhum, nem do norte chegaram quaesquer noticias que confirmem os boatos que se estão propalando e de que alguns jornaes da manhã se fazem éco.

A *Montanha*, que ontem foi impedida de circular, está sendo anciosamente esperada, estacionando todos os redactores no seu posto e cá fóra, em frente á redacção, avultado numero de populares.

A's 7 horas menos um quarto preparámo-nos para deixar o Porto cuja vida vai aumentando progressivamente. Em todas as direcções transita gente. Nenhum civico, porém, se vê a não ser á porta do santeiro. Poder-se-ia dizer que nenhuns tumultos se déram e que a paz reina na Invicta como outr'ora reinou em Varsovia. Contudo não é assim. Paz não ha, não póde haver, enquanto não fôr restabelecida a lei, restaurada a Constituição e o país, a grande massa republicana, não forem atendidos nas suas justas reclamações. Nota-se em toda a parte o quer que seja de vago, de indeciso, mas isso justifica-se pela anciedade que existe de conhecer o final desta jornada em que andam empenhados os republicanos de principios, a esta hora a caminho da redenção, com os olhos fitos no futuro, o coração ao alto, cheios de fé, crentes na libertação da Patria, que eles querem dignificar como heroes, arrancando-a ao despotismo envolta na bandeira sacrosanta da Liberdade.

Portuguêses, martires: que o vosso sangue bemdito *seja o sinal do resurgir!*

Que ele germine, que ele floresça e dê a Portugal a esperança de melhores dias quando liberto das algemas que o prendem!

* * *

Uma proclamação

Cidadãos:

A revolução contra a infame ditadura que pretendia humilhar-nos rebentou triunfantemente em Lisboa.

Pelas tres horas da madrugada, a guarnição de todos os navios de guerra surtos no Tejo, constituindo toda a nossa armada, á excepção do aviso *5 de Outubro* e da canhoneira *Limpopo*, que se encontram no Porto, revoltou-se aos gritos patrioticos de *morte á ditadura*, e, desembarcando com os seus canhões Hotkiss, reuniu-se ao regimento do quartel de marinheiros, que, em pezo e na esmagadora totalidade do seu efectivo, secundou a mesma guarnição dos navios de guerra, e o seu heroico movimento libertador.

A' nobilissima iniciativa da marinha de guerra aderiram a guarda fiscal, o regimento de artilharia 1, as metralhadoras de Queluz, infantaria 1, infantaria 16 e grande parte da guarda republicana, além da margem direita do campo entrincheirado e de todos os efectivos de equipagens.

Santarem, Portalegre e Coimbra revoltaram-se tambem em globo, secundando o resgatante movimento, aderindo a totalidade dos seus efectivos militares e a grande massa heroica e entusiastica das suas populações, que, como em Lisboa, clamaram, num delirio, a Patria e a Republica.

Soldados e oficiaes da guarnição do Porto:

— Os vossos companheiros de Lisboa, de Coimbra, de Santarem, de Portalegre, batem-se heroicamente pela salvação da Republica! Secundae o seu formoso e nobre movimento; esmagae a ditadura infame que nos desonra á face do mundo e da historia; salvae a Patria do vilipendio e da ruina

Cidadãos do Porto, da viril cidade do 31 de Janeiro, defensora incorruptivel de todas as liberdades — cumpri o vosso dever de civismo! Vinde á rua associar-vos ao triunfo do vosso exercito! Gritae com ele—viva a Patria e a Republica! Sêde dignos de vós proprios e do vosso passado de gloria imorredoiro e explendente!

O Comité militar e civil revolucionario do Porto

Movimento de tropas—Várias

A' hora a que escrevemos vão, em comboio especial, a caminho do Entroncamento, 2 batalhões de infanteria, constituidos por duas companhias cada um e sob o comando do coronel, sr. Cristiano Braziel. Alguns reforços viéram de Ovar e Agueda, sendo á partida do trem saudada a Republica e a Constituição por um numeroso grupo de populares que se achavam na "gare,,.

Tambem para o concelho de Oliveira de Bairro acabam de partir algumas praças de cavalaria em carros, por não haver no quartel montadas.

Esperâmos ainda hoje noticias do sul, tencionando dá-las ámanhã em novo suplemento caso não cheguem demasiadamente tarde.

Os promotores dos festejos que estavam para se realizar nésta cidade, adiaram-nos.

* * *

Triunfou a Revolução, sendo morto Machado Santos, é a comunicação que oficialmente acaba de chegar a esta cidade.

Viva a Republica!